

Santa Eulália – 10 de Dezembro

De Barcelona ou de Mérida?

O *Flos sanctorum* de Pedro de Ribadeneyra¹, ao referir-se a santa Eulália de Mérida, lança a questão. A festa ou comemoração da primeira é a 12 de Fevereiro e a da segunda é a 10 de Dezembro. Contudo, alguns identificam-nas como sendo a mesma santa, virgem e mártir. E pode acontecer que assim seja: o nome é o mesmo; ambas são de tenra idade (adolescentes de 14 e 12 anos); sem serem chamadas, foram ter com o juiz, e se ofereceram ao martírio; morreram na mesma perseguição, sob o mesmo presidente Daciano; as almas de ambas foram vistas subir ao céu na forma de pomba; a ambas o Senhor cobriu os seus corpos com a neve que sobre eles caiu. Todavia, uma nasceu em Barcelona e a outra em Mérida (embora ambas em Espanha); uma com 14 anos, outra 12; uma martirizada em Barcelona, a outra em Mérida (em Espanha); uma pelo Presidente Daciano, a outra pelo juiz Calfurniano, delegado de Daciano; a de Barcelona foi degolada ou na cruz e a de Mérida no fogo; a de Mérida é referida num hino do poeta Prudêncio que relata a sua vida e martírio que consta em breviários e santorais antigos. Resta por isso a dúvida: duas santas mártires ou a mesma? Inclino-nos pela mesma, a de Mérida, cantada por Prudêncio (Aurelius Prudentius Clemens – n. 348- m. c.410) no século IV. Pois que a de Barcelona, segundo parece, não será anterior ao séc. VII.

ACTAS DO MARTÍRIO DE SANTA EULÁLIA²

Actas de Sta. Eulália, Virgem e mártir de Cristo, que morreu na cidade de Mérida, sob o mandato de Calpurniano, em 10 de Dezembro de 304 (?)

1. Foram inumeráveis as pessoas e infinita a multidão dos que enfrentaram a mais crua morte, em defesa do nome de Cristo, com ânimo firme, decididos a alcançar a vida eterna. Entre eles a ditosa mártir Eulália, confiando que Cristo lhe concederia o êxito da vitória. Arrostando, segura do cume do seu triunfo, o combate do martírio, mereceu alcançar digna palma. Tentada com mimos, mas nunca seduzida com razões, calcou a cabeça do velho inimigo e suas falácias, com morte gloriosa. Pois que ela foi virgem felicíssima, jovem piedosa³, temente a Deus e preparada para o matrimónio, na idade dos treze anos, casta na sua mente e corpo, sincera na sua fé, firme na sua castidade; tinha como mestre Donato, certo presbítero, que a ensinava, desde a mais tenra infância, que antes se deve dar testemunho de Cristo que negá-lo, e confessar com toda a alma a indivisível Trindade de Deus. Nenhuma coisa humana distraía o seu ânimo, mas servia o Senhor Todo-poderoso com a perseverança do seu esforçado coração, pois estava inteiramente unida a Deus com devoção plena. Durante o período da adolescência, bastante firme na prática das suas crenças, com fé adquirida por santa devoção, mantinha-se com ânimo inquebrantável; havia, dedicara a sua alma a Deus e intentava oferecê-la por Cristo, de quem esperava receber a gozosa palma do anelado martírio. O nome do seu pai⁴ era Libério.

¹ *Flos sanctorum*, Pedro Ribadeneyra, 1790, pp 586-588

² Segundo o texto latino del P. Enrique Flórez en su *España Sagrada*, Apéndice 2.

³ Poder-se-ia dizer monja, mas as palavras *sanctimonia*, *sanctimonalis*, *sanctimonaliter*, significam honradez, probidade, próprias da vida santa e religiosa, ou santa e religiosamente”, como regista *Nuevo Diccionario etimológico* de Raimundo de Miguel.

⁴ Embora, no texto latino, se leia papa (E. Flórez), outros códices dizem pater. As dos formas valem, ainda que o termo também signifique “ancião,” “sacerdote” e, até, “papa”.

2. Tendo sido decretada perseguição contra os cristãos e aproximando-se o dia do martírio, casualmente, a beatíssima Eulalia, cidadã e residente na Província da Lusitânia, encontrava-se fora de Mérida, na povoação de Promciano, a pouco mais de trinta e oito milhas da urbe, nos confins da província Bética, convidada por uma irmã⁵, por amor da santidade e aí morava numa *villa*, levando vida santa e louvando a Deus, em companhia do confessor Félix e de algumas pessoas tementes a Deus. Divulgou-se a notícia deque um inimigo cruel havia penetrado na cidade de Emerita (Mérida). Eulália soube que uns emissários tinham chegado em carro público para levá-la a Mérida e que seu pai Libério já estava preso aí, no cárcere, com outros confessores da fé. Conhecedora da notícia, a ditosa Eulália encaminhou-se feliz para o martírio, avançando prontamente para a cidade. Ordenou que se preparasse um transporte para fazer o trajecto. Nem a dureza do caminho, nem o seu abastado património, nem o amor aos seus entes queridos a fizeram retroceder. Adoptando um talante varonil, apressava piedosamente, destinada a tão grande glória, e com tal talante, que, se fosse possível, percorreria tão longo caminho numa só hora. Tanto insistia ao condutor, que fosse a toda pressa, andando o mais rápido possível. Fazia-lhe companhia e dava-lhe amizade Júlia, jovem como ela. Enquanto andavam, disse-lhe Eulália: *“Deves saber, querida irmã, que, mesmo que seja a última a chegar, serei a primeira a sofrer o martírio.”* E assim aconteceu, como predissera.

3. Ao aproximar-se da cidade, colónia dos emeritenses, certo judeu saiu ao seu encontro e disse-lhe: *“Sejas benvinda. Olha, oferece o incenso (aos ídolos) e então poderás continuar a viver”*. Ao que Eulália, respondeu: *“Deus te aumente os anos, mas eu estou aqui, desejando morrer por Cristo, meu Senhor.”* E prosseguiu a toda a pressa no seu carro. Ao contemplá-la, o judeu viu nela um resplendor que a envolvia, como chama de fogo e, estupefacto por tal visão, compreendeu que anjos a protegiam. Talvez Deus tenha querido mostrar aos judeus, este milagre, para que a dureza insensata de seus corações vissem as grandezas de Cristo.

Cheia de fé, apresentou-se espontaneamente no fórum. Correndo, então, o rumor disso, pela vizinhança se concentraram inumeráveis pessoas e tão numeroso povo, que ninguém ficara em casa. Era de tal forma notória a fama da santidade e da beleza de Eulália que todos os habitantes da cidade de Mérida acorreram com a notícia da sua presença e pelo grande amor que lhe tinham, a fim de presenciar como uma aldeã de estirpe senatorial, da própria província e conterrânea, enfrentava o governador. Imediatamente informaram a sua presença a Calpurniano, governador da Província da Lusitânia, encarregado pelo imperador e perseguidor Maximiano para reprimir os cristianos. A este Calpurniano, responsável pela crueldade e cabecilha do crime, a beata Eulalia não hesita em afligir com impropérios. Nem as palavras cruéis, nem as mãos sanguinárias, nem a atitude ameaçadora conseguem dissuadi-la da intenção de padecer. Pelo contrário, aumentava o seu valor, à medida que ponha todo o seu esforço em vencer o seu inimigo, apoiado no poder das fasces (*insígnia dos cônsules romanos*). Olhando fixamente Calpurniano, disse-lhe: *“Porque viestes à cidade, inimigo de Deus excelso? Porque persegues os cristãos e te empenhas em ultrajar as virgens consagradas a Deus? O Senhor me educou na sua lei, por isso não poderás profanar a minha castidade nem seduzir a minha juventude”* O governador

⁵ Pelo contexto deduz-se que se trata de uma irmã na fé.

Calpurniano respondeu-lhe: *“Menina minha, como queres estragar a flor da tua juventude, antes de te tornares maior?”* Eulalia replicou-lhe: *“Tenho já quase treze anos. Crês que, com ameaças vais poder intimidar os meus poucos anos? Tenho o bastante para esta vida breve. E não me deleito com os mimos desta vida terrena, pois espero outra vida futura mais feliz, para gozar pela graça de Deus.”*

4. O presidente Calpurniano disse: *“Não te deixes enganar com essa infeliz crença. Aproxima-te e oferece um sacrifício aos deuses, como manda o preceito imperial. Assim poderás escapar aos tormentos e teres as honras e um esposo rico.”* A beata Eulália respondeu: *“Já tenho um esposo rico, Cristo imortal, que te condenará a ti, aos teus e a teu pai, o diabo, chamado Satanás”*. Então o presidente ordenou que prontamente a levassem para o cárcere. Mas antes, mandou-a vir perante ele e, querendo dissuadi-la do seu propósito, com palavras ternas, disse-lhe: *“Considera a tua tenra infância, compadece-te de ti mesma. Anda lá, põe incenso e poderás viver.”* Mas a beata Eulália, cheia de fé, firme no seu valor, sem temer o martírio até à morte, respondeu assim: *“Sou cristã e não o farei.”* Então Calpurniano, abrasado por cego furor, confiando que a vergonha da jovem, como acontece com todas as crianças, diminuiria, dando-lhe uns açoites por trás, ordenou ao encarregado do castigo que a açoitasse⁶. Enquanto, com fortaleza, suportava os açoites e o seu delicado e santo corpo sofria as dores e os golpes, confiando na imensa glória do Senhor, com constância e valentia abominava o imperador e César com todos os seus deuses juntos. Mas os anjos do Senhor protegiam a ditosa Eulália. O duríssimo juiz julgava que ia conseguir o que pretendia, açoitando com maior rigor a casta virgem. Ela, enquanto era atormentada com aqueles açoites e dizia tais palavras, que chegaram aos ouvidos do governador quanto tinha dito. Então mandou chamá-la e trazê-la à sua presença. Ao contemplar a formosura do seu porte e a sua beleza, como querendo mostrar piedade da sua tenra infância, disse: *“De que te serve essa atitude? Vem, oferece um sacrifício, faz uma oferenda aos deuses e afasta-te do perigo de morte.”* Mas a beata Eulália, depois de submetida aos primeiros açoites, refutou Calpurniano: *“Desgraçado, de que te serviu dar a insensata ordem de desnudar a minha castidade? Pois que então tens o meu corpo sob o teu poder, não podes, contudo, ter a minha alma sob tua jurisdição, só Deus somente, que me a deu”*.

5. Então Calpurniano, vendo que os primeiros açoites nada haviam conseguido dos seus propósitos, disse à beata Eulália: *“Diz-me, em que consiste essa tua firmeza, que, segundo parece, adquiristes por meio de algum sortilégio e desprezas os sacrifícios (aos deuses) para que louvem a tua condição?”* Mas a beata Eulália, confiando no Senhor de todo coração, ao que antes já tinha dito, acrescentou: *“Porque me perguntas uma e outra vez? Já te disse e volto a repeti-lo. O que tu queres e o que me dizes jamais o farei, porque sou cristã. Para que o saibas de uma vez, maldisse e maldigo os vossos reis em união com os seus deuses.”* O presidente, ouvindo isto e dando um pouco de tempo na aplicação da sentença à menina, a beata virgem Eulália, fiel na sua constância, com valor, transbordando fé e com toda a franqueza, gritou para que todos a ouvissem: *“Calpurniano, dita já a sentença. Repito para ti o mesmo*

⁶ Outra possível construção e tradução seria: *“...a tergo corporis iubet per officium curatoris eam catomari”* Ordena ao encarregado que lhe aplique uns açoites nas costas. Além de *catomare*, existe outro verbo *catomidiare* com igual significação.

que tenho dito: que maldisse e volto a maldizer os teus reis e os seus deuses.” Ouvidas as palavras da bem-aventurada Eulália, Calpurniano, cheio de horrível cólera e inflamado de extremo furor, deu ordens para que no dia seguinte lhe preparassem, no fórum, um tribunal.

Então ditou a sentença e mandou que fosse torturada a bem-aventurada menina e queimada viva no meio das chamas. Eulália replicou: *“Não temo as tuas ameaças, pois poderoso é o meu Senhor, que me deu fortaleza para resistir aos primeiros açoites, como também me tirará ilesa do fogo que preparas.”* Disse Calpurniano: *“Estás a comover-me muito e ainda mais me compadeço dos teus tenros anos.”* A bem-aventurada Eulália respondeu: *“É o Senhor que se compadecerá de mim, porque tu, maldito, que misericórdia tens?”* O presidente Calpurniano disse aos seus soldados: *“Preparai umas varas de árvores molhadas com seus galhos e, amarrada, desnudai-a e açoitai-a.”* A bem-aventurada Eulália disse: *“Estas, perverso, são as tuas ameaças. Não me fazes nenhum dano, pelo contrário, me confortas.”* O presidente Calpurniano disse: *“Trazei-me azeite, aquecido e banhai em óleo ardente as suas maminhas.”* A bem-aventurada Eulália respondeu: *“Esse fogo, para mim, frio me fortaleceu e o azeite a ferver não me queimou, mas ao contrário, me queima o amor a Cristo, a quem estou desejando ver.”*

6. O presidente Calpurniano disse: *“Trazei-me cal viva, metei-a nela e deitai-lhe água em cima.”* Respondeu a bem-aventurada Eulália: *“Que sejas abrasado no fogo eterno, do mesmo modo que mandastes abrasar a serva de Deus. Ele me protegerá e me livrará das tuas mãos, porque eu não padeço os tormentos por mim, mas sofro as penas por Cristo.”* Disse o Presidente Calpurniano: *“Enchei com chumbo, uma panela bem quente à frente dela; depois despi-a, estendei-a sobre um leito de ferro. Mas primeiro mostrei-lhe o tormento, para ver se se converte aos deuses. Se acaso não se converter, despejai a panela em cima dela.”* Mas, a bem-aventurada Eulália que, em cada dia, lia o martírio de santo Tirso, mais se fortalecida com um singular fervor. Contemplando perante si o tormento anunciado, disse: *“Deus verdadeiro, vem libertar a tua serva. Creio, pois, que quem se apiedou de santo Tirso, que, sendo ainda pagão, o levaste para ti, o mesmo farás comigo.”* Logo, se liquefez⁷ o chumbo, abrasando as mãos dos que o levavam e chegou frio a santa Eulália. Arrebatado então, Calpurniano, com maior furor, disse aos seus soldados: *“Trazei as varas e, depois de açoita-la, tomai um pedaço de trapo⁸ e esfregai-lhe as feridas”.* A bem-aventurada Eulália respondeu: *“Senhor meu, Jesus Cristo, tende piedade da tua serva e não deixes o meu coração debilitar-se, mas conforta-o, porque quero escarpar do inferno e chegar até ti, que és uno e trino e concedes a vida eterna.”* O presidente Calpurniano respondeu-lhe: *“Desgraçada, olha por ti antes de morrer e sacrifica aos deuses.”* A beata Eulália disse: *“Sacrifica tu aos teus deuses e todos os que te ajudam. Eu, por minha parte oferecerei-me-ei ao meu Deus como hóstia viva, como também ele se ofereceu por mim, para nos livrar do poder das trevas e do domínio do demónio. Porque os vossos deuses com que sacrifícios podem ser honrados, sabendo – como sabemos – que inventados pela vossa*

⁷ O verbo latino usado, *obstupescere* – aturdir-se, ficar insensível, abater-se, pasmar-se, etc., é usado aqui para expressar uma espécie de personificação o prosopopeia, como se tivesse vida e languidescesse.

⁸ Há quem traduza *fragmentum textulae*, “um troço de tecido” por “um troço de barro cozido”, como se dissesse *tegulae* em vez de *textulae*.

vã superstição e feitos de bronze e esculpidos em pedra ou fundidos em diversos metais? Por isso, os cristãos não os reconhecem, pois que, se não recebessem a vossa custódia, deveriam ser capazes de proteger-se.”

7. O presidente Calpurniano disse-lhe: *“Logo, se é Deus esse em que crês, como padeceu na terra paixão como um homem?”* Respondeu a beata Eulalia: *“Pois sofreu paixão efectivamente como um homem, por nós se revestiu de homem e tomou figura de servo para nossa salvação, a fim de nos conduzir à liberdade.”* O juiz Calpurniano disse: *“Os teus pensamentos te confundem. Não estou disposto a seguir ouvindo estas coisas. Aproxima-te e sacrifica aos deuses, não aconteça que te sejam aplicados tormentos piores.”* Porém a bem-aventurada Eulália respondeu-lhe sorrindo: *“Com isso, fomentas os meus desejos, ao aplicares-me tormentos piores. Faz agora o que o que tens na tua mente, porque é com isso que chegarei a ser vencedora em Cristo.”* O presidente Calpurniano juntou: *“Mas eu não hei-de consentir que sejas vencedora, porque vou aplicar-te gravíssimos tormentos.”* Respondeu la beata Eulália: *“Não poderás vencer-me, porque vence em mim quem luta por mim.”* O presidente Calpurniano disse: *“Acendei as tochas e aplicai-lhas aos seus joelhos.”* Santa Eulalia disse: *“Já queimastes o meu corpo e vês como resisto. Manda que me preparem com um pouco de sal, para que se torne mais saboroso a Cristo.”* Arrebatado, então, o presidente Calpurniano com um furor diabólico, disse: *“Vamos, verdugos, acendei o forno e lançai-a nele até que morra”*. Foi aceso o forno, de acordo com a ordem do presidente. Trouxeram a menina e lançaram-na ao fogo, mas ela começou a cantar salmos dentro do forno, dizendo: *“Depois dela, serão apresentadas ao Rei, as virgens, suas companheiras, e também serão levadas com gozo e alegria.”*⁹ O presidente Calpurniano deu uns passos à volta do pretório, que estava próximo do lugar onde o forno ardia. Quando ouviu a santa virgem Eulália a cantar, ordenou à sua gente: *“Creio que nos venceu: esta moça obstina-se no mal; mas, para que não possa vangloriar-se, tirai-a e procurai um bobo e, antes de morrer, seja levada pelas ruas com adornos e nua diante do povo, para que veja a sua virgindade.”* Ao ouvir isto, santa Eulália, respondeu assim: *“Não me importa sofrer na terra a ignomínia de ir rapada e nua, mesmo parecer feia, porque sei muito bem por quem padeço. Ele conhece a forma de to fazer pagar, inimigo da justiça.”* O presidente Calpurniano disse: *“Então, se não queres chegar a esta vergonha, vem e faz um sacrifício.”* A beata Eulália respondeu: *“Já estou sendo imolada em sacrifício de louvor e como vítima jubilosa.”* Então Calpurniano, sobreexcitado com a pior intenção, disse aos seus verdugos: *“Ponde-a no ecúleo¹⁰, e que vá sendo queimada, com chamas pelos dois costados.”* Ao escutar a sentença a santa virgem, cantando dizia: *“Me provastes, Senhor, com o fogo e me examinastes e não foi encontrada, em mim, maldade alguma.”*¹¹ E regozijava-se no Senhor. E via já como os anjos a acompanhavam, aguardando o fim do seu martírio. Pondo-lhe, então, a sua própria cabeleira como se fosse um colar, levaram-na atada à morte. Chegados ao lugar do martírio fora da cidade, ela desnudou-se com as próprias mãos e deu as suas roupas aos verdugos. Só reservou uma cinta, por pudor, a fim de cobrir as coxas. Quando a colocaram no potro, foi desconjuntada, atormentada,

⁹ Põe-se o texto latino do salmo 44, 15: *Adducentur regi virgines post eam; proximae ejus afferentur in laetitia et exultatione*, na versão de S. Jerónimo.

¹⁰ Potro era uma máquina de madeira para o tormento.

¹¹ Salmo 16, 3.

açoitada. Apesar da tortura dos membros, o seu corpo fortalecia-se para o tormento. Como com o triunfo confessava a Cristo, não sentia tormento algum. Mas nem assim se aplacava tão sofisticada dureza de martírios. Por isso, foi mandado a dois soldados escolhidos, que abrasassem o corpo da jovem, aplicando fochos ardentes em ambos os costados da bem-aventurada Eulália. Depois de se consumirem, pensou despedaçar atrozmente os membros santos com grande variedade de tormentos. A isto a bem-aventurada mártir Eulália, submetida ao escárnio dos suplícios, respondeu: *“De que te serviu, Calpurniano, ter querido exercer sobre mim a ferocidade dos tormentos? Não temo as tuas ameaças nem os teus suplícios. Confesso que sou cristã e amante do meu Deus. Grava na tua mente a minha cara, para que, quando estivermos na hora do juízo diante do tribunal do meu Senhor Jesus Cristo, reconheças as minhas facções nesse dia e recebas o prémio devido aos teus méritos.”* Muitos, atemorizados e compungidos de coração, depois de escutar as palavras da beata mártir Eulália, afastaram-se dos ídolos e acreditaram no Senhor.

8. Depois, a beata Eulália, maltratada por tão diversas formas de tormentos, dependurada numa cruz, se alegrava sobre todos los demais suplícios, lembrando-se que, desde a sua infância, se tinha ido preparando para eles. Dirigindo-se aos que a escutavam, dizia-lhes: *“Convém-vos acreditar num Deus único e verdadeiro, Pai celeste. E confirmava que Jesus Cristo, seu verdadeiro Filho todo-poderoso, deve ser adorado em união com o Espírito Santo, bendito pelos séculos dos séculos.”* Deste modo, a gloriosa e beata Eulália em sua agonia se apressava por chegar ao Senhor, quanto antes. As chamas que lhe puseram de ambos os lados tornaram-se mais violentas, mas ela as aspirava com a boca aberta. Depois disto, o espírito da santa mártir voou da boca ao céu em forma de uma pomba, à vista de todos, para anunciar a chegada da mártir de Cristo às regiões celestes. Oh! mártir venerável, que tão gratíssimo exemplo deste aos cidadãos, superando o passado, fortalecendo o presente e ensinando o futuro.

O seu corpo santo, íntegro e ileso, esteve suspenso na cruz durante três dias por ordem do presidente. Com isto julgava o malvado, na loucura de sua crueldade, poder vencer depois de morta aquela não pudera dobrar em vida. Porém a ela, a quem tinham sido negados as honras humanas, concederam-se-lhe, merecidamente, as divinas, por generosidade de Deus, pois a neve que rociou o corpo da menina, servindo-lhe de protecção e decoro, como sua cabeleira que com mão ensanguentada lhe arrancaram os lictores, adornasse agora com dons celestes cobertos de neve.

É sabido por todos que a beatíssima Eulália, nesse preciso momento, recebeu o prémio dos seus trabalhos, pois seu corpo, que tinha ardido por ambos os costados com o furor das chamas, pela divina graça resplandecia luminoso, coberto de névea branca.

O seu corpo foi retirado em segredo pelos cristãos e enterrado com todo respeito. Ao seu sepulcro recorrem os necessitados¹² e são curados. Acorreram a esse lugar, onde foram depositados os santos Donato e Félix, que, unânimes confessaram a fé, seguindo as suas gloriosas pegadas, por meio da graça do martírio. Dirigindo-se à santa com alegria e imenso gozo de ânimo, disse Félix: *“Vós, senhora, merecestes ser a primeira a alcançar a palma do martírio.”* Mas santa Eulália, deixando ver um sorriso

¹² O texto diz: vexati, que são os atormentados por alguma dor.

no rosto, já segura do êxito da sua vitória, estava, antes, preocupada pela salvação do seu companheiro.

Conheceei, meus irmãos, a inaudita e admirável paixão desta virgem, que uma dupla palma de glória transportou ao céu: Primeiro, vencendo o inimigo da carne, depois, superando o adversário da fé. Se digna de louvor é na sua entrega, mais ditosa é no seu martírio. Se obteve pelo resplendor da sua virgindade, o fruto de sessenta, ultrapassou-o com cem pela grandeza do seu martírio¹³. Para enaltecer os méritos dos seus predecessores, fortaleceu na fé os presentes e deu exemplo de convicção aos futuros.

Sob o reinado de nosso Senhor Jesus Cristo, que acolheu a Mártir em sua paz. A Ele, seja dada a honra e a glória, o império e o poder. pelos séculos dos séculos. Amen.

Acaba aqui a Paixão da virgem santa Eulália.

Tradução: MANUEL DOMINGUEZ MERINO

Mérida, 4 de Outubro de 2006

Tradução do castelhano e adaptação: MA

Eulália de Barcelona e/ou Eulália de Mérida.

12 de Fevereiro e 10 de Dezembro

Lat.: Eulalia Emeritensis, Barcinonensis. **Cast. Arc.:** Olalla de Barcelona. **Fr. Arc.:** Araille (Xaintrailles), Aulaire, Aulais, Aluaye, Eulaye; Olaille, Olaire. **Fr.:** Eulalie de Mérida e Eulalie de Barcelone. **Al.:** Eulalia von Merida. **Pt.:** Santa Eulália.

O martirologio espanhol diferencia duas santas com este nome: Eulália de Mérida e Eulália de Barcelona, que, em verdade são só uma, como provam a identidade da sua legenda e o facto de que as festas de ambas, originalmente se celebravam no mesmo dia.

A santa de Mérida, na Extremadura, foi a primeira a aparecer, desde o séc. IV, num hino de Prudêncio, enquanto os primeiros indícios da Eulalia catalã procedem do século VII.

Em boa verdade, as duas homónimas são igualmente improváveis desde o ponto de vista histórico. A legenda de santa Eulália foi copiada das atribuídas às jovens mártires santa Inês de Roma e santa Fé de Agen. De mesmo modo que estas, teria padecido o martírio aos doze anos.

Conduzida perante o governador romano, negara-se a incensar os ídolos. Para cúmulo de audácia, cuspiu-os e calcou-os diante el governador.

Os hagiógrafos fazem-na passar por uma inverosímil escalada de suplícios a que um bom atleta não teria podido resistir, e muito menos uma débil rapariguinha dessa idade: depois de flagelada foi regada com azeite fervente e desgarrada com ganchos de ferro. Além disso, polvilharam sal nas suas feridas e queimaram os seus ternos peitos com tochas. Quando a colocaram nua sobre a fogueira, os seus grandes e dispersos cabelos se incendiaram, de forma que parecia rodeada de chamas.

Mas como não tinha qualquer a penitenciar, o fogo não lhe fez dano. E ela bebia as chamas, de modo que o verdugo teve de lhe cortar a cabeça. Uma pomba branca, como a neve saiu da sua boca inocente. Segundo outra versão, uma espessa capa de neve cobriu o seu corpo, envolvendo-a em mortalha branca.

CULTO

Em Espanha foi logo venerada, sobretudo em Barcelona, cuja catedral foi colocada sob sua advocação e as relíquias solenemente transferidas para um mausoléu de mármore de

¹³ Ver Mateo, 13,8: Outra caiu sobre terra boa e deu fruto, umas cem, outras sessenta, outras trinta.

Carrara em 1339. Em Palma de Maiorca há uma igreja dedicada a ela.

Na diocese do Porto estão-lhe dedicadas 16 igrejas paroquiais.

No sul de França é também popular e o culto introduziu-se, a partir do século XI, graças à cruzada contra os mouros. É a patrona de Elne, no Roussillon e tem igreja dedicada em Bordéus.

O mais antigo monumento da literatura francesa, depois dos *Serments de Strasbourg* (Juramentos de Estrasburgo), é a Cantilena de santa Eulália (Cantar de santa Olalla [Eulália]), composta na época em que as relíquias da santa foram trasladadas para Barcelona.

A «boa donzela, ainda mais bela de alma que de corpo», era invocada para facilitar os partos.

ICONOGRAFIA

Seus atributos são a cruz em aspa (diagonal ou X) ou conhecida por cruz de santo André, ou uma pequena cruz rematado por um disco e a palma do martírio. Uma pomba sai da sua boca (alma em forma de pomba, voando para o céu).

Século VI: Mosaico de Santo Apolinário, o novo, Ravena.

Século XII: Relicário de prata. Catedral de Oviedo. / Fresco da igreja do santo Cristo da Luz, Toledo. / Miniatura do Passionário de Stuttgart. Está atada a uma árvore. O verdugo queima-lhe o rosto com uma tocha.

Século XIV: Relicário de mármore decorado com baixos-relevos por um escultor italiano, discípulo de Giovanni Pisano. 1339. Catedral de Barcelona. / Imposta esculpida de um pilar do claustro de Elne. Santa Eulalia é flagelada com varas.

Século XV: Luis Dalmau. *A Virgem dos Conselheiros*, 1445. Museu de Barcelona. Os cinco magistrados da cidade são apresentados perante a Virgem, por santo André e santa Eulália. / Retábulo da catedral de Palma de Maiorca. A figura central de santa Eulália está rodeada por doze cenas narrativas sobre quatro registos. / Pedro Serra. Catedral de Segorbe.

Século XVI: Bartolomé Ordóñez. Quatro baixos-relevos. 1564. Detrás do Coro da catedral de Barcelona.

Louis Réau, *Iconographie de l'Art Chrétien* – P. U.F. 1957 / 1997 Ed. del Serbal, Barcelona.

Tradução e adaptação : MA